

Índice

Lista de Ilustrações	11
Agradecimentos	15
Mapa de Steventon e dos Vizinhos dos Austens no Hampshire	18
1. 1775	21
2. Meritocratas	32
3. Os Rapazes	46
4. O Colégio	57
5. A Parente Francesa	68
6. Mau Comportamento	85
7. Casamentos e Funerais	99
8. Vizinhos	112
9. Bailes	129
10. A Boneca e o Atiçador	137
11. Uma Carta	142
12. Mecanismos de Defesa	148
13. Amigos no East Kent	162
14. Viagens com a Minha Mãe	173
15. Três Livros	187
16. Vinte e Cinco Anos	201
17. Manydown	210
18. Amor Fraternal	226
19. Uma Morte na Família	240
20. Em Chawton	246

21. Dentro de Mansfield Park	260
22. Dedicatória	278
23. A Feiticeira	293
24. College Street	307
25. <i>Post Scriptum</i>	314
Apêndice I	
Nota sobre a Doença Final de Jane Austen	327
Apêndice II	
“Uma História Africana” Retirada do Caderno de Fanny Austen de 1809, com Uma Nota sobre as Atitudes em relação à Escravidão	329
Notas	333
Breve Bibliografia	374
Árvore Genealógica	378

O inverno de 1775 foi rigoroso. A 11 de novembro, o naturalista Gilbert White observava que as árvores em volta de Selborne, a sua aldeia no Hampshire, haviam perdido quase todas as folhas. “As árvores começam a ficar despidas”, escreve ele no seu diário. A vinte e quatro quilômetros, mais acima nos Downs, na aldeia de Steventon, a mulher do pastor da paróquia esperava a qualquer momento o nascimento do seu sétimo filho, enquanto caíam as últimas folhas. Ela tinha 36 anos e estava casada havia onze anos. Quatro rapazes robustos corriam pelo presbitério e pela grande horta nas traseiras, com o seu pátio e dependências, que se estendia até aos campos e ao bosque ao fundo. O filho mais velho, James, com dez anos, já prometia vir a ser um estudioso, partilhando o gosto do seu pai pelos livros, e Cassy, a única rapariga, entretinha a mãe com a sua palrice constante, enquanto a seguia pela casa e pelo exterior, quando a mãe saía para ver as vacas, as galinhas e os patos. Cassy iria fazer três anos em janeiro. Excetuando no gabinete do senhor Austen, era raro haver completo silêncio em toda a casa.

Os dias de novembro passaram e chegaram as chuvas, que retinham as crianças no interior; no final do mês, às três da tarde já estava escuro dentro de casa, e o jantar tinha de ser servido rapidamente se quisessem evitar o gasto de velas. O bebé ainda não havia nascido. Dezembro chegou, trazendo uma epidemia de constipações e estados febris. Houve uma forte descida da temperatura, os lagos gelaram, e nevou o suficiente para que os rapazes da casa deslizassem na neve; então, no dia 16, Gilbert White anotou no seu diário: “Névoa, sol, dia bonito.”

No dia 16 de dezembro nasceu Jane Austen. O atraso de um mês na sua chegada levou o pai a gracejar que ele e a mulher se haviam tornado “muito maus a fazer contas, com a idade”; o pastor tinha quarenta e quatro anos.¹ A criança nasceu ao final da tarde, relatou ele, e quase sem aviso. Não houve necessidade de chamar um médico; era raro chamar-se um médico para algo tão rotineiro como um parto, e o mais próximo vivia em Basingstoke, a onze quilômetros e por caminhos em mau estado. De qualquer modo, “tudo acabou rapidamente e com bom sucesso”. O casal ficou feliz por ter uma segunda filha, “um presente e um brinquedo para a sua irmã Cassy, e uma companheira no futuro. Vai chamar-se Jenny”. No resto da sua carta, George Austen falava das perspectivas de uma competição de lavoura na qual estava interessado: Kent contra Hants, pelo prêmio de uma rabada de vaca, se o tempo permitisse. Numa paróquia rural remota, um pároco era ao mesmo tempo um verdadeiro agricultor e um pastor de almas.

A bebé foi imediatamente batizada em casa pelo pai, como todas as crianças da família. Mais tarde haveria uma cerimónia na igreja. E então o inverno chegou em pleno. A competição de lavra do senhor Austen não pôde ter lugar, pois nevou constantemente, uma neve grossa que se acumulou até ao cimo das cancelas. Depressa as estradas ficaram cobertas e quase intransitáveis. As aves domésticas não saíam da capoeira, e os pássaros apareciam à porta da cozinha em busca de migalhas. “Tempo inclemente, siberiano”, escreveu White, observando que a neve formava configurações românticas, grotescas, à medida que se acumulava e congelava. Os cordeiros recém-nascidos ficavam congelados no chão e as lebres entravam nas hortas em busca de alimento.

No presbitério, a senhora Austen estava deitada no andar de cima, na sua cama de dossel, bem agasalhada sob os edredões de penas, com a bebé no berço ao seu lado, enquanto outra pessoa — muito provavelmente a sua cunhada Philadelphia Hancock — supervisionava o governo do lar, todas as limpezas e cozinhados necessários numa casa com tantas crianças pequenas, além das barreiras extras para a parturiente.² As criadas alimentavam as lareiras e ferviam água em caldeirões, e quando podia, a lavadeira vinha da aldeia e trabalhava arduamente um dia inteiro, embora a roupa congelasse antes de secar e houvesse por toda a casa lençóis e roupas de bebé estendidos. O senhor Austen podia ler para as crianças depois do jantar às três horas, mas os rapazes gostavam de correr e deslizar pelas escadas, e não havia tapetes para abafar o barulho. Não

se esperava que a senhora Austen saísse da cama antes de duas semanas, no mínimo.

Não era fácil para os vizinhos visitá-la, exceto alguns robustos cavalheiros a cavalo, que chegavam com mensagens de felicitações e presentes das suas mulheres. Na véspera de Natal, as crianças enfeitaram as cercaduras das janelas com os tradicionais ramos de azevinho, e na manhã de Natal, o senhor Austen, bem calçado e agasalhado, subiu a colina até à sua pequena igreja de São Nicolau, em pedra e sem aquecimento, esperando que houvesse luz suficiente para ler o trecho da Bíblia e administrar os sacramentos aos aldeões e lavradores que comparecessem para o ouvir. A família Digweed era de esperar que viesse, enquanto caseiros de longa data do velho solar de tijolo situado ao lado da igreja; Hugh Digweed cultivava a maior parte das terras em volta de Steventon e agira como um fidalgo rural. Depois o senhor Austen voltava a descer a colina, através da neve e do silêncio. Não viviam mais de trinta famílias em Steventon, que era uma fila única de casas a alguma distância do presbitério; e na aldeia não havia nenhuma loja, nem sequer uma taberna.

Se a tia Philadelphia estava no comando das operações, isso significava que a prima Betsy também se encontrava no presbitério: a séria, morena e delicadamente bonita prima Betsy, que nascera na Índia, onde o seu pai se encontrava ainda, e para onde a tia Philadelphia falava por vezes em levá-la de volta. Betsy tinha catorze anos, era já uma mulherzinha, mais velha do que qualquer uma das crianças do presbitério, e aos olhos destas, infinitamente mais sofisticada. Betsy vivia principalmente na cidade, ou seja, em Londres, onde tinha o seu próprio cavalo, algo de que nenhum dos Austens mais novos se podia gabar ainda, e quando não estava a montar a cavalo, era mais provável que estivesse a passear na carruagem da mãe do que a andar pé. Estava a aprender francês; entrara numa peça de teatro com outras crianças quando tinha apenas dez anos; possuía um cravo e quatro colares de pérolas, um presente que acabara de chegar do seu pai.³ James, Edward e até mesmo o precoce Henry, de quatro anos, olhavam e escutavam a prima com admiração.

Quando as crianças foram autorizadas a entrar no quarto da mãe, viram que o novo bebé tinha uma cara redonda, bochechas rechonchudas e olhos escuros e brilhantes. Todos concordaram que ela se parecia mais com Henry, que havia sido o maior e mais bonito de todos os bebés até então, e portanto podemos dar como certo que Jane também era grande e alta. A senhora Austen amamentou a bebé ao peito, como fizera com

todos os seus filhos. Não lhe passava pela cabeça sair de casa durante pelo menos um mês após o parto, independentemente de como o tempo estivesse.⁴ O prolongado inverno siberiano não a encorajava a tal, e quando o degelo começou, em fevereiro, houve inundações, o que continuou a retê-la em casa. Deste modo, a bebé desfrutou de toda a atenção materna durante os seus três primeiros meses, no confortável quarto do primeiro andar.

Quando o inverno chegou ao fim, Betsy e a tia Philadelphia partiram, e a senhora Austen retomou as suas funções na casa, no curral e no galinheiro. No dia 5 de abril, após uma manhã fria e escura, o sol apareceu. Com a pequena Jane bem embrulhada em xales, e a sua mãe com uma peliça e um ou dois xales extras, toda a família subiu pelo carreiro até à igreja (em cujo adro se erguia um grande teixo onde eram guardadas as chaves), com os seus sinos antigos e as suas duas cabeças de pedra, uma de homem e outra de mulher, esculpidas em cada lado do arco ogival da entrada. Este foi o batismo oficial, público, da criança. Duas das suas madrinhas chamavam-se Jane, uma era uma tia do seu pai, que morava no Kent, e outra uma prima da sua mãe, do Oxfordshire. É pouco provável que elas tenham feito a dura viagem necessária para assistirem à cerimónia, ou que o padrinho, um clérigo casado com outra prima da senhora Austen, e que morava no Surrey, estivesse presente; era comum que os votos dos padrinhos fossem feitos por alguém em nome deles durante a cerimónia.⁵ No final, nenhum deles acabou por fazer nada pela sua afilhada; mas, como evidência da vasta rede de primos, na sua maioria eclesiásticos, espalhados pelos condados do sul, eles representam uma parte significativa da história de Jane Austen.

Não é uma história fácil de investigar. Jane Austen não escreveu notas autobiográficas, e se manteve algum diário, este não chegou até nós. A sua irmã destruiu a maior parte das cartas que recebera dela, uma sobrinha fez o mesmo com as que haviam sido preservadas por um dos irmãos de Jane, e apenas sobreviveram um punhado delas, de outras fontes. No total temos 160 cartas de Jane Austen, e nenhuma da sua juventude; a mais antiga que se conhece data dos seus vinte anos. A primeira nota biográfica, escrita após a morte de Jane pelo seu irmão Henry, consiste em apenas algumas páginas, e nela é-nos dito que a vida da sua irmã “não teve grandes acontecimentos”. Só cinquenta anos depois se voltou a publicar algo sobre a autora, quando apareceu um livro de memórias

do seu sobrinho James-Edward Austen-Leigh. Este confirmava a visão de Henry sobre ela. “A sua vida foi singularmente desinteressante: poucas mudanças e nenhuma grande crise que tenha interrompido a tranquilidade do seu curso.” A vida desprovida de acontecimentos de Jane Austen tem sido a visão geralmente aceite. Em comparação com escritores como Dickens ou a sua contemporânea Mary Wollstonecraft, o curso da sua vida parece ter sido extremamente sereno e tranquilo. Jane Austen nunca viu o seu pai bater na mãe, nem teve de ir trabalhar numa fábrica de graxa aos doze anos; contudo, se pararmos para olhar mais de perto a sua infância, veremos que nem tudo foram dias tranquilos no presbitério. Na verdade, foi uma vida cheia de acontecimentos, de angústias e até de traumas, que lhe deixaram marcas tão permanentes como as de qualquer fábrica de graxa. Que Jane Austen foi marcada por eles ficará claro ao longo da sua história, assim como o facto de ela os ter superado e colocado ao serviço dos seus objetivos.

O senhor e a senhora Austen devem ter esperado que este fosse o seu último filho. A irmã da senhora Austen, Jane Cooper, teve apenas dois filhos, e “como não tornou a engravidar desde então, é provável que não tenha mais nenhum”, observou com interesse a senhora Austen numa carta dirigida a uma cunhada⁶; ter chegado ao fim da idade fértil em segurança era algo invejável. Além disso, a situação financeira dos Austens não era a melhor. George estava muito endividado, devendo dinheiro a muita gente, incluindo o marido de Jane Cooper, entre outros. Também pedira dinheiro ao irmão da senhora Austen, James Leigh-Perrot, e à sua própria irmã, Philadelphia Hancock, e, separadamente, ao marido desta. O seu rendimento anual era baixo, cerca de duzentas libras, proveniente dos dízimos combinados de Steventon e de Deane, a aldeia vizinha. A venda dos produtos da sua quinta constituía um importante complemento, mas não bastava para o manter solvente. Três anos antes do nascimento de Jane, ele começou a aceitar alunos; com os seus sete quartos e mais três no sótão, o presbitério era suficientemente grande para ser transformado numa pequena escola. Ao mesmo tempo, vendeu o que restava do seu pequeno capital. Pouco antes do batismo da filha, teve de pedir emprestadas mais trezentas libras, através dos bons ofícios de Philadelphia, a um advogado de Londres.⁷ Os seus registos mostram um perpétuo malabarismo entre pagamentos de dívidas e novos empréstimos, o que teria talvez deixado a sua mulher extremamente apreensiva,

se tivesse pleno conhecimento da situação. A verdade era que lançar filhos ao mundo saía caro, e os Austens já tinham que chegasse com James, George, Edward, Henry, Cassandra, Francis e Jane. Dormir em quartos separados era a forma de controlo da natalidade habitual, mas os Austens não a adotaram, e havia mais um bebé Austen a caminho.

O sistema de educação das crianças da senhora Austen era incomum. Era uma mulher bem organizada, e a sua prática era amamentar cada bebé durante alguns meses para garantir um bom começo — sabemos, pelo seu próprio relato, que foram três meses no caso de Cassandra — e depois entregar a criança a uma mulher da aldeia para que cuidasse dela durante mais um ano ou dezoito meses, até ter idade suficiente para ser facilmente cuidada em casa.⁸ No caso de Jane, é provável que esse processo tenha ocorrido assim que foi batizada. Um bebé de catorze semanas estará fortemente ligado à sua mãe, e ser transferido para uma pessoa e um ambiente estranhos só pode ser uma experiência dolorosa. A ideia de que isto representava um exílio ou um abandono nunca teria ocorrido à senhora Austen; o vínculo entre mãe e filho é em grande parte um conceito moderno, e os bebés eram facilmente entregues a amas. Isso não significa que não sofressem, tanto ao partir como ao regressar. Cobbett deplorava tal prática, perguntando: “Quem nunca viu essas crianças banidas, quando trazidas de volta para os braços da mãe, a chorar para se livrarem deles e a estender as mãozinhas para os braços da ama?”⁹ As mães pobres da aldeia ficavam naturalmente contentes com o rendimento extra que lhes dava criarem os filhos dos fidalgos rurais; no campo, uma ama de leite podia ganhar cerca de dois xelins e seis centavos por semana, e mesmo uma ama seca podia ajudar a sua família aceitando esse trabalho. Não sabemos se a senhora Austen encontrou na aldeia uma ama de leite pronta para cada um dos seus filhos, ou se achava que podiam ser alimentados com comida sólida ao fim de alguns meses, mas usou a palavra “desmame” a propósito de Cassandra aos três meses, o que sugere a segunda opção. Qualquer que fosse o sistema, havia nele algo de impessoal; o nome da ama nunca é mencionado.¹⁰

Assim, os bebés da família Austen ficavam ao cuidado de mulheres da aldeia, que os alimentavam e lhes davam banho, os encorajavam a gatinhar nas suas choças, dando aí os seus primeiros passos e aprendendo as suas primeiras palavras com a família de acolhimento. Quando se aproximavam da idade da razão e se tornavam socialmente aceitáveis, eram devolvidos à casa paterna. Do ponto de vista físico, o sistema funcionou

muito bem. Numa época em que poucas famílias eram poupadas à morte de vários filhos, os Austens não perderam nenhum; em Londres, na mesma época, mais de metade das crianças morriam antes de atingirem os cinco anos, e embora no campo a situação fosse melhor, mesmo aí a taxa de mortalidade continuava a ser assustadoramente alta.¹¹ Os filhos dos Austens medraram e cresceram saudáveis.

Ainda assim, temos de nos interrogar sobre o efeito que o tratamento da senhora Austen teve sobre os filhos. No caso de Jane, a distância emocional entre a filha e a mãe é óbvia ao longo de toda a sua vida; e não apenas entre ela e a mãe. O aspeto mais marcante das cartas de Jane na idade adulta é a sua atitude defensiva. Carecem de afeto tanto para consigo própria como para com os demais. Percebe-se o ser humano interior, profundamente vivo e sensível, mas na maior parte das vezes deparamo-nos com uma couraça; e por vezes vemos estender-se uma garra e um duro remoque a algo que a tenha ofendido. São cartas de alguém que não abre o seu coração; e na mulher adulta que evita a intimidade sentimos a criança que não sabia ao certo de onde esperar amor ou encontrar segurança, e que se couraçou contra a rejeição.

O sistema da senhora Austen tornava o presbitério mais organizado e mais fácil de administrar, e ela não achava que o que fazia fosse cruel ou invulgar. Acreditava, tal como a maioria das pessoas da época, que os bebés não precisavam de mais do que ser mantidos razoavelmente limpos, razoavelmente aquecidos e bem alimentados até à idade em que a sua inteligência se manifestasse de forma evidente. Uma contemporânea da senhora Austen, também mãe de uma família numerosa, escreveu que preferia ser madrastra a mãe: “pense em livrar-se daqueles empecilhos enquanto não passam de simples vegetais, que depois se vão converter em simples animais”.¹² O senhor e a senhora Austen, de acordo com um neto, visitavam diariamente os bebés ausentes, ou pelo menos sempre que possível, e mandavam trazê-los regularmente para o presbitério, o que pode ter levado as crianças a sentirem que tinham duas famílias e lares onde eram amados. O sistema era certamente muito melhor que o dos pais que punham os filhos demasiado longe para os poderem visitar, e que se tornavam completos estranhos para eles. “Ela enviou-o para ser criado pela robusta mulher dum lavrador vizinho, onde, durante mais de quatro anos, o menino não recebeu nenhuma demonstração de amor do pai ou da mãe, exceto algumas mensagens ocasionais a perguntar se

a criança estava bem de saúde”, foi o resumo que Henry Brooke fez da infância do herói do seu livro *The Fool of Quality*, publicado no final da década de 1760 e tido como uma descrição perfeitamente credível.¹³

Um dos filhos dos Austens não regressou de casa da ama na aldeia. Era o segundo, George, quase dez anos mais velho que Jane, que era epilético e não se desenvolveu normalmente. Para a senhora Austen, foi a triste repetição de uma experiência anterior com o seu irmão Thomas. Este nasceu quando ela tinha oito anos, idade ideal para desfrutar de um irmãozinho; mas quando se tornou evidente que o rapaz tinha um atraso mental, enviaram-no para junto de alguém que cuidasse dele. George estava destinado à mesma sorte, embora em pequeno visitasse ocasionalmente o presbitério.¹⁴ Como provavelmente ainda se encontrava na aldeia de Steventon em 1776, ele deve ter sido o primeiro irmão de quem Jane teve conhecimento. George conseguia andar e não sofria de síndrome de Down, caso contrário não teria vivido tanto tempo, sem os medicamentos modernos. Como Jane aprendeu a língua gestual em adulta — numa carta de 1808 menciona falar “com os dedos” —, acredita-se que George não sabia falar; isso não o teria impedido de participar nas brincadeiras das crianças da aldeia.

“Temos este consolo de ele nunca poder vir a ser uma criança má ou cruel”, escreveu o pai de George, com uma comovente resignação cristã.¹⁵ Os Austens interessavam-se pela virtude, mas também estavam profundamente interessados no sucesso; e o seu sistema de educação dos filhos funcionou notavelmente bem, pois todos eles, com a parcial exceção de George, cresceram fortes, sem tendência para a auto-compaixão e notáveis pelo seu afeto e apoio mútuos. E mesmo George viveu até uma idade avançada, cuidado, juntamente com o seu tio Thomas, em Monk Sherborne, uma outra aldeia do Hampshire; o seu nome raramente é mencionado pela família, mas sobreviveu ao seu irmão mais velho e à sua irmã Jane, e não foi esquecido pelos outros, que contribuíram para o seu sustento. Na sua certidão de óbito, em 1838, é descrito como um “fidalgo”.¹⁶

Em junho de 1776, antes de Jane completar seis meses, os pais ausentaram-se de Steventon para ir a Londres. Nem Frank nem Cass, de dois e três anos respetivamente, tinham chegado de casa da ama há muito tempo, e portanto é provável que tenham sido devolvidos à aldeia, para fazer companhia à sua irmãzinha, felizes por voltarem ao seu primeiro lar e às brincadeiras dos longos dias de verão com os pequenos Bets, Bobs e

Nans, crianças de Steventon. E se Cass se via agora como uma pequena mãe para a bebê, e a bebê estendia os braços para Cass, foi o primeiro passo de uma profunda e duradoura ligação entre as duas irmãs.

O senhor e a senhora Austen foram a Londres, pelo menos em parte, para visitar a irmã dele, Philadelphia, e a sobrinha Betsy. Enquanto estavam com elas, chegou da Índia a notícia da morte do marido de Phila, Tysoe Saul Hancock. Na verdade, ele já morrera havia meses, em novembro de 1775, ainda antes do nascimento de Jane, mas as notícias viajavam devagar, pois as cartas da Índia levavam seis meses ou mais a chegar. A senhora Hancock ficou naturalmente angustiada ao saber da morte do marido. Pior ainda, ele aparentemente havia morrido sem um tostão: “todos os seus bens não servirão senão para saldar as dívidas dele aqui”, escreveu o senhor Woodman, o advogado que a aconselhava e a mesma pessoa que havia emprestado dinheiro a George Austen.¹⁷ Infelizmente, Hancock era o padrinho do pequeno George, e agora não havia esperança de que ele pudesse ajudar a custear a sua assistência; o senhor havia manifestado preocupação face ao crescente número de filhos dos Austens, e ao modo como a família se iria arranjar. Contudo, a situação da sua mulher e da sua filha não era tão má como parecia à primeira vista.

Três anos antes, quando o protetor do senhor Hancock na Índia, o grande Warren Hastings da Companhia das Índias Orientais, havia sido nomeado governador de Bengala, fizera uma doação de cinco mil libras a Betsy Hancock, sua afilhada; e em 1775 duplicou essa quantia, convertendo Betsy numa herdeira — não muito rica, mas suficientemente abastada para garantir que arranjaría um marido. Os Hancocks juraram manter segredo sobre todo o assunto, mas os dois administradores da fortuna de Betsy eram o advogado, o senhor Woodman — cunhado de Warren Hastings — e o irmão da senhora Hancock, George Austen, que sem dúvida fora a Londres, em parte, para cumprir quaisquer deveres enquanto fideicomissário de Betsy.

Acabou por não haver grande motivo para preocupação em relação a Philadelphia. Além da riqueza da filha, podemos ver pela conta bancária que ela abriu alguns meses depois que recebeu 3500 libras de Woodman e outra quantia de quase 5000 libras na forma de uma “letra sobre a C.^a das Índias”¹⁸. A abertura da conta é um sinal da sua independência enquanto viúva abastada. O falecido marido aconselhara-a a fazer isso muito antes, mas ela não seguira o conselho; neste momento, escolheu um

banco diferente daquele que ele recomendara e depositou o seu dinheiro nos Srs. Hoare & Co., banqueiros do seu irmão.

As Hancocks, mãe e filha, muito ligadas enquanto mãe sozinha e filha única, tinham liberdade de viver como bem entendessem; e embora Philadelphia gostasse muito do irmão e Betsy do tio, não tinham qualquer intenção de se irem enterrar na província. Betsy, tendo perdido um pai de quem mal se lembrava e herdado uma fortuna considerável, anunciou que não queria continuar a ser tratada por Betsy. A partir de então, o seu nome seria Eliza. Ninguém pensou em contradizer os seus desejos.

Eliza Hancock é uma figura central na vida de Jane Austen por vários motivos. Era sua prima em primeiro grau, e as duas tornaram-se muito próximas. Embora Eliza fosse catorze anos mais velha, ambas morreram relativamente jovens, com Jane a sobreviver-lhe apenas quatro anos, o que aproximou o tempo de vida das duas. A diferença é que Eliza sempre foi uma criatura exótica, uma ave de plumagem brilhante e com uma história que poderia ter saído de um dos romances de que Jane gostava de escarnecer. Eliza era uma verdadeira Austen na sua facilidade de escrita e no seu gosto pela representação, a música e dança, e tinha um ouvido apurado; noutros aspetos, era consideravelmente diferente das suas primas. Foi imprudente no casamento, e era capaz de escrever frivolamente acerca dos seus sentimentos ou falta deles; porém, sempre foi uma filha muito afetuosa e tornou-se uma mãe terna e cuidadosa.

Há algumas dúvidas não resolvidas na vida de Philadelphia Hancock e da sua filha, sendo a principal a ascendência de Eliza, que consideraremos mais adiante. Por enquanto, no verão de 1776, George Austen sentia-se tranquilo com a situação em que elas se encontravam, e continuou a pagar à mesma taxa o dinheiro que havia pedido emprestado à sua irmã. Ele e a mulher voltaram para o Hampshire e a vida retomou o seu curso habitual. Para o pastor, isto significava supervisionar o trabalho na quinta e as vendas de trigo, cevada e lúpulo; instruir os seus filhos mais velhos; desempenhar as suas funções pastorais de batismo, enterro, serviços dominicais, e velar bondosamente por qualquer paroquiano necessitado ou em dificuldades. O único acontecimento excecional desse inverno ocorreu três dias antes do primeiro aniversário da sua filha mais nova, a 13 de dezembro, uma sexta-feira, quando, como todos os sacerdotes do país, ele efetuou um serviço extra na igreja de Steventon, lendo orações contra os rebeldes americanos.¹⁹ Depois da cerimónia, desceu

a colina até à sua alegre casa, cuja atmosfera lembrou a um observador “a sociedade liberal, a simplicidade, a hospitalidade e o bom gosto que geralmente encontramos em diferentes famílias nos vales encantadores da Suíça”.²⁰